

2. Depoimentos

De: "Maria Alice"

PARA: "Eliane Hatherly Paz"

Assunto: Re: Lembranças dos livros...

Data: quarta-feira, 17 de setembro de 2003 22:21

Eliane querida,

Nasci e cresci numa casa sem livros, onde o que se lia eram muitas revistas (meu pai era barbeiro e comprava para os clientes no salão Cruzeiro, Manchete, Fatos & Fotos etc.). As revistas eram lindas e eu gostava de olhá-las. Quando queria saber alguma coisa a mais, perguntava às minhas irmãs e ao meu irmão para lerem pra mim. Via meus irmãos estudarem nos livros de escola, principalmente minha irmã mais velha que andava de um lado para outro, com o livro aberto na mão, lendo alto e repetindo muitas vezes o conteúdo de suas aulas. Aprendi duas coisas ouvindo a voz de minha irmã: A lei de Lavoisier (“nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”) e o começo e o final de um poema não sei de quem (a parte do meio eu sempre me esquecia): "Quem passou pela vida em brancas nuvens e em plácido repouso adormeceu, quem não sentiu o cheiro da desgraça Foi um espectro de homem não foi homem, só passou pela vida, não viveu" (estou escrevendo de memória, são 50 anos de memória, pode estar com algum erro). Como era a mais nova e queria saber tudo que eles sabiam, tinha muita vontade de aprender a ler. Quando chegou a minha vez, fui na escola, comprei minha *Cartilha Caminho Suave* e, em tempo recorde, aprendi a ler e escrever. Daí em diante, lia tudo que encontrava, em revistas, jornais, livros, cadernos, até bula de remédios. Logo, logo, passei a ser a leitora das cartas que minha mãe recebia e a escritora das cartas que ela ditava. Como tinha professoras muitas boas e pacientes, sempre ia aprendendo palavras novas e apurava minha leitura com os textos dos livros de escola que eram muito bons. Como gostava de declamar poesias, ia todos os domingos na "Rádio Clube de Garça", no programa "A hora do guri", declamar uma poesia por semana. Todo mundo que nos conhecia entregava livros de poesia para eu ler e declamar. Foram muitas, muitas. Como eu devia ser "engraçadinha" declamando, virei notícia na cidade e todo mundo elogiava a minha "capacidade" de decorar coisas tão difíceis que, claro, foram se tornando cada vez mais difíceis. Um dia, para explorar o prodígio, meu professor de português me deu "O Navio Negreiro". Li, gostei, decorei e declamei. Foi um sucesso. Por outro lado, com uma família de quase nenhuma leitura, não poderia vir de casa a influência para ler. Esta veio através de um ex-padre e ex-professor (como foi expulso do colégio de padres, ele montou uma venda na casa dele para sobreviver). Eu ia muitas vezes comprar coisas na casa dele e percebi uma biblioteca imensa. Ele me falava com muita paixão de seus livros e, de vez em quando, me mostrava coisas pelas quais eu me interessava em enciclopédias. Eu ficava maravilhada. Nesse tempo, minha irmã começou a assinar o Clube do Livro (acho que era esse o nome), pagava-se uma mensalidade e eles mandavam um livro por mês. Ela dava uma olhada, mas dizia sempre que não conseguia ler o livro como lia revistas, era muito cansativo. Um dia, mandaram *Moby Dick*. Eu comecei a lê-lo e comentei com o ex-padre. Ele me fez um sermão sobre a coleção (depois eu descobri que era tudo verdade). Ele disse que as traduções eram adulteradas e que, na maioria das vezes, não continham o livro completo e que, por

isto, não valia a pena ler. Eu perguntei, mas como? Eu quero ler essa história, ela é muito boa! Aí, ele me emprestou o seu livro, uma tradução boa com a obra completa. Eu levei pra casa e não queria mais fazer nada, só ficar lendo. Meus pais ficaram preocupados, falaram com ele e ele disse que isto era muito bom, que só iria me fazer bem. Daí em diante, ele sempre me emprestava bons livros. Tive oportunidade de conhecer obras-primas da literatura, morando numa cidadezinha na Alta Paulista, onde não tinha nenhuma livraria. Saí de lá quando tinha 12 anos, fui para São Paulo e foi sempre na escola, com meus professores, é que fui aprendendo a conhecer os melhores livros. Frequentei muitas bibliotecas e sempre recebi ótima orientação das bibliotecárias. Algumas delas me tratavam como pessoa da família, pois eu ia muitas vezes por semana lá. Com 18 anos, fui a introdutora da primeira coleção de livros na minha casa: a Enciclopédia Britânica, aquela dos bons tempos. Meu pai ficou escandalizado com o tamanho e disse que uma casa pequena como a nossa não precisava de tantos livros assim.

Beijinhos
Mariaalice

De: "junior" [Gutenberg Jr.]
PARA: "Eliane Hatherly Paz"
Assunto: Re: Lembranças dos livros...
Data: quarta-feira, 17 de setembro de 2003 23:52

Lili,

Aí vai a minha história:

Se há uma coisa que me lembro bem desde que eu me conheço como Gutenberg é ter livros e mais livros em casa. Meu pai, também chamado Gutenberg, tinha o hábito de comprar e lê-los todas as noites assim que chegava em casa, após o trabalho.

Mas apesar de ter uma verdadeira casa-biblioteca, foi na escola que me lembro ter sido oficialmente, apresentado a eles.

Lá pelos meus 9 ou 10 anos, a minha professora primária (sim, eu fiz o Curso Primário!) fez uma gincana com os alunos. Quem lesse mais livros durante os meses de aula, ganharia um presente no final do ano. Me lembro de ter lido toda a obra de Monteiro Lobato (*Sítio do Pica-Pau Amarelo*), Saint-Exupéry (*O Pequeno Príncipe*), José Mauro de Vasconcelos (*Meu Pé de Laranja Lima*) entre outros tantos autores que faziam o imaginário da minha infância aflorar.

Na gincana fiquei em terceiro lugar. Meu prêmio? Um livro, assim como os dois primeiros colocados. Lembro-me ainda do título deste meu prêmio literário *História do Brasil para Crianças*, de Ladmo Valucce. A História oficial do nosso país e seus heróis num linguajar infantil, de fácil assimilação. Cheia de aventuras e informação.

Esta leitura infanto-juvenil foi muito importante para desenvolver meu lado de escritor, pois na imaginação dos outros, pude estimular a minha. Vi que com as letras lidas, eu podia criar as minhas escritas.

Hoje, por força da profissão (sou jornalista) e por estar viciado na leitura, devoro cada obra que me cai na mão. Cometo até a overdose literária que condenava antigamente em outros leitores, a de ler dois livros ao mesmo tempo.

Acho que a leitura esteve sempre na minha vida, ou por uma influência paterna, docente ou do nome (afinal, meu xará foi que inventou os tipos móveis, para que mais e mais pessoas tivessem a oportunidade de ler as obras), ou pelo simples fato, embora seja lugar comum, de poder viajar nas histórias, teorias, teses, biografias, pensamentos destes (e destas) escritores.

Tá bom? Ajudou? Espero que sim.

Beijos,

Gut

De: "Gisele Nery de Andrade"

PARA: "Eliane Hatherly Paz"

Assunto: Meu depoimento

Data: quinta-feira, 18 de setembro de 2003 09:41

Lili, comecei a ler por influência total e direta dos meus pais.

Desde pequena (bem pequena mesmo, um ano, dois anos) meu pai comprava o jornal para e ele e, quando sentava para ler, separava uma parte e me dava. Eu ficava lá, deitada no chão, de bunda para cima, com o queixo nas mãos, "lendo". Eu achava mesmo que estava lendo. Sempre tive muito contato com os livros. A intimidade era tanta que me servia deles nas brincadeiras. Uma vez, guerreando contra minha irmã, construí uma fortaleza para mim com as enciclopédias Barsa.

Não fiz pré-escola. Tinha minha mãe pra ficar comigo *full time*. Entrei no maternal, saí. Depois entrei no Jardim II. Um dia, em um passeio da escolinha pelo Jardim Zoológico, a professora me flagrou lendo todas as placas de lá. Eu tinha aprendido a ler. Sozinha. E com correção, os sem atropelos comuns de uma criança da minha idade. Eu tinha cinco anos. Pulei do Jardim II direto para a primeira série.

Minha mãe. Ela foi professora primária lá na terra dela (Muqui, Espírito Santo). Dava aulas nas escolinhas das fazendas, pegava carona com caminhoneiros. Quando fiquei um pouco maior, ela me deu todos os livrinhos infantis, de contos de fadas e os maravilhosos livrinhos com as lendas do folclore brasileiro.

Já na escola, todos os dias eu passava na biblioteca. Nem que fosse um pouquinho só. Os livros eram divididos por série. A cada ano, conseguia ler todos os livros aos quais tive acesso. Um dia, peguei um livrinho sobre a Grécia. Pronto... comecei a ler sobre história antiga...

Conforme fui crescendo, fui lendo menos. Outros interesses apareceram: namorados, discotecas, sambas... cinema, teatro, mas, sobretudo... beijar muito na boca, como toda adolescente. Além disso, mudei de escola. E no Pedro II do Engenho Novo não tinha biblioteca. Tinha, mas estava em obras. Ninguém podia usar, porque estava cheia de infiltrações, os livros mofados em pilhas sobre as mesas e alguns outros desfolhados, espalhados pelo chão. E como pobre mal tem dinheiro para viver, pobre também não tem dinheiro para comprar livros. Então filho de pobre não lê. Ou lê e relê os poucos livros que tem, trocando com as colegas, que também tem pouquíssimos (no meu caso, todas tinham muitíssimo menos livros que eu. Eu era a rainha dos livros).

Quando entrei para a universidade - Letras, não poderia ser diferente -, pensei que teria a oportunidade de ler muitos e muitos livros. Bobinha. Fonética, Fonologia, Morfologia, Sintaxe, Latim. Só textos técnicos. E poucos. Depois, inventaram lá uma tal de análise literária, que te faz ler as linhas, as entrelinhas e as entrelinhas das entrelinhas e até as linhas do pensamento do autor. E que tira o prazer de ler um livro. E que faz do livro um instrumento de trabalho. E te desestimula.

A biblioteca da faculdade é paupérrima. Coitada. Velha, suja, poucos livros velhos, sujos e despedaçados. Foi muito difícil para mim lutar contra minha alergia à poeira para ler. Depois, comecei a trabalhar. E passei para o Mestrado. Agora, tenho dinheiro para comprar meus livros, mas não tenho tempo para ler. Não leio nem o que é minha obrigação, nem o que me dá prazer. Aliás, não leio minha obrigação e mal leio o que me dá prazer.

Comprei vários volumes na Bienal e nas livrarias pelas quais passei, mas estão todos lá, intactos. Assinei uma revista, já recebi o quarto exemplar e ainda não li nem as manchetes da capa do primeiro. Ainda assim, livro pra mim é a maior diversão. Livro novo, que alegria. Que prazer comprar uma boa obra e sair da loja me sentindo vitoriosa de ter aquele trunfo nas mãos. Sentir o cheiro, manusear, ler os sumários, limpar, separar por tipo, reorganizar na estante. Tudo é o maior tesão.

[Gisele Nery de Andrade]

De: "André Luis Hatherly"

PARA: "Eliane Hatherly Paz"

Assunto: Re: Lembranças dos livros...

Data: quinta-feira, 18 de setembro de 2003 12:06

Sempre "sofri" as influencias do meu pai e do meu avô Oscar no sentido de ler muito, além do q a escola incentivava muito, vc era a prima c/ quem eu tinha mais contato e tb era chegada em um bom livro. Assim sendo, creio q a conjunção de todos estes fatores mais a minha aptidão natural me levaram a adquirir este hábito; posteriormente a necessidade de estudar. o desejo de conhecer mais e melhor tanto o Espiritismo qto a Medicina me levaram a continuar lendo ainda mais.

Assim, hoje não tem como ã estar lendo algum ou alguns livros sempre.

André

De: "Nélida Capela"

PARA: "Eliane Hatherly Paz"

Assunto: a leitura

Data: sexta-feira, 19 de setembro de 2003 22:01

Chère Eliane:

Quanto ao hábito da leitura, lá em casa foi uma coisa engraçada. Minha mãe sempre comprou muitos livros para a gente. Livros de contos de fadas, fábulas chinesas, mitologias, aquelas coleções educativas com ensino de comportamento, matemática, geografia e outras ciências. Eu adorava uma que continha em um de seus fascículos o fundo do mar -- havia o mergulhador e a descrição das criaturas marinhas. Outra falava de astronomia. Tudo isso me despertou a vontade de conhecer de tudo. Talvez por isso tenha optado por Letras, pois a proximidade com a literatura me fazia lembrar as pesquisas e variedades de assuntos na infância. No começo disse que era uma coisa engraçada, digo isso porque meus pais não gostam muito de ler, mas nos propiciaram um mundo de leituras. Eu só tenho a agradecer por isso. O hábito que começa em casa, com certeza, é mais prazeroso.

Espero ter colaborado.

Beijo grande,

Nélida Capela

"Não peço aos livros a não ser que me dêem prazer por honesto divertimento; ou, quando estudo, procuro neles apenas a ciência que trata do conhecimento de mim mesmo, e que me ensine a bem morrer e a bem viver."

--Montaigne--

De: "Jamile Seffair"

PARA: "Eliane Hatherly Paz"

Assunto: Re:Lembranças dos livros...

Data: segunda-feira, 22 de setembro de 2003 16:26

Lili,

Até os 16 anos, eu detestava ler. Mas, no ano em que me preparava para o Vestibular (1987), fui estudar na casa de uma amiga e fiquei conversando com a irmã dela - que estava lendo *As Brumas de Avalon*. Ela falou com tanta empolgação do livro que resolvi ler. Foi aí que me apaixonei, tanto pela história, quanto pelos livros. Depois desse, eu passei para outro, e para outro, e até hoje leio bastante e também compro bastante.

Atualmente, tenho, mais ou menos, uns quatro livros na fila, esperando que eu tenha um tempo para lê-los: *As Mil e Uma Noites*, *Trindade*, *O Senhor dos Anéis* e *O Morro dos Ventos Uivantes* (esse eu já comecei).

Beijos,

Jamile (32 anos, 16 de hábito)

De: "Marília Barcellos"

PARA: "Eliane Hatherly Paz"

Assunto: Re:Lembranças dos livros...

Data: segunda-feira, 22 de setembro de 2003 20:18

Oi, Eliane,

Outro dia ainda estava pensando sobre isso e lembrei que minha mãe, como grande parte das professoras de ensino fundamental do Estado, adorava comprar coleções na escola. Acho que naquele tempo as sacoleiras de roupa ainda não tinham descoberto esse mercado, portanto livros como *O mundo da criança* e enciclopédias como a *Caldas Aulete* circulavam pelas escolas. Minha mãe era professora de educação infantil e levava para casa material muito colorido, cheio de atrações para mim. Desse modo, eu tive contato com o objeto livro desde muito pequena, tipo três ou quatro anos. Eu também estudava na mesma escola e freqüentava a biblioteca.

Outra influência que percebo no meu gosto pela leitura foi um professor que tive no que se chama hoje de Ensino médio. Sou vítima do ensino profissionalizante e cursava 'Auxiliar parcial de análises químicas' em uma escola pública no RGS, em Porto Alegre. Então, o ensino das disciplinas ditas como 'humanas' como literatura, comunicação, etc, eram intercaladas, ora no primeiro ano, ora no segundo. Felizmente tive um professor super!! O Flávio, ele me fez despertar para a literatura brasileira. Anos depois o encontrei em um elevador da Universidade quando me dirigia a uma aula de mestrado. Ali, tive certeza, pela emoção que me tomou, que ele fora um dos responsáveis por eu ter continuado o estudo em literatura.

Acho que é isso, qualquer coisa, estou à disposição.

Beijão,

Marília Barcellos

De: "Angélica Hatherly"

PARA: "Eliane Hatherly Paz"

Assunto: Re: Lembranças dos livros...

Data: segunda-feira, 22 de setembro de 2003 23:22

Cresci sempre estimulada e cercada por livros pois minha mãe é educadora infantil e meu pai sempre foi estimulado a ler por seu pai, meu avô. Mais tarde, por volta dos meus 4 anos de idade, minha mãe fundou uma escola direcionada a educação infantil que passou a ser o "quintal" de minhas brincadeiras infantis. E qual seria minha preferida? Brincar de escolinha! Chegava a pedir as professoras de turma para "descansarem", pois ensinava as crianças para valer!

Crescemos cercados por livros de literatura infantil, Monteiro Lobato, Irmãos Grimm e todos os clássicos literários do gênero. Aprendi a gostar de mitologia grega desde criança com as histórias que mamãe contava para nós entre as brincadeiras de amarelinha, elástico, bola de sabão e queimado.

Ser criança foi aprender a brincar e a encontrar na literatura a possibilidade de criar a partir da imaginação.

Não deu outra! Cursei e formei-me em pedagogia.

Aprendi com meus pais que para continuar criança e preciso respeitar a criança interior que eternamente existe dentro de nós por meio da literatura e da liberdade de brincar!

O estímulo da leitura a partir da infância é de fundamental importância para o desenvolvimento intelectual e emocional do indivíduo, pois é determinante em sua formação de opinião, capacitando suas potencialidades e possibilitando sua ampliação a respeito do mundo que o cerca.

Espero que ajude!!! Precisando que escreva mais... sabe onde me encontrar!!!!

BJS,
Angel.

De: "Luciana Figueiredo"

PARA: "Eliane Hatherly Paz"

Assunto: Re: Lembranças dos livros...

Data: terça-feira, 23 de setembro de 2003 10:41

Essa não é exatamente a história de como me apaixonei por livros, mas sim uma das histórias de como me apaixono por livros cada vez que leio um.

Por volta dos 12, 13 anos, comecei a ler Agatha Christie. O da vez era *Testemunha ocular do crime*. Neste episódio, o tal "crime" era desvendado por uma análise do posicionamento dos personagens na cena fatal e das sombras produzidas por eles.

Pausa para a descrição do meu local de leitura à época. Meu quarto. Parecia um 4 fechado, não esse que apareceu digitado, mas aquele dos relógios digitais e das caligrafias das crianças: um quadrado com uma perninha do lado direito. Minha cama localizava-se na parede cuja extensão ganhava a tal perninha, que por sua vez era o que eu e minhas irmãs chamávamos de "cantinho dos brinquedos", um pequeno quarto dentro do quarto cuja parede do fundo era uma enorme janela. Por ela, apenas outras grandes janelas dos fundos dos outros apartamentos dos outros edifícios. O céu estrelado via com esforço, mas a luz da lua cheia encontrava espaço e, implacável, sempre invadia meu quarto.

Costumava ler deitada na cama, de bruços, com o travesseiro debaixo dos braços e o livro sobre o pedacinho de cama que faltava. Aliás, como faço até hoje. O horário era à noite, antes de dormir, com a casa calma, em silêncio, à meia luz (as irmãs pequenas dormiam antes de mim) e com toda atenção voltada para as palavras das páginas.

Num cenário de luz da lua cheia, deitada de costas para a grande janela, com o quarto quase escuro, fui testemunha ocular do crime por várias noites. Morrendo de medo, olhando para trás a cada fim de página, não conseguia desgrudar do livro e nem dormir imediatamente após a leitura. Assim que resolvia parar deixava o livro bem fechado em cima dos chinelos, levantava, ia correndo descalça até a porta na outra ponta do quarto para apagar a luz, voltava correndo mais ainda, deitava de barriga para cima e me cobria toda, para proteger as costas e vigiar a sombra da lua.

A sensação de felicidade e tristeza quando o livro acabou é indescritível.

Luciana Figueiredo
setembro de 2003.

De: "Luciana Figueiredo"

PARA: "Eliane Hatherly Paz"

Assunto: Re: Lembranças dos livros... (continuação)

Data: terça-feira, 25 de setembro de 2003 14:09

Aqui em casa tem muitos livros, meus pais sempre estudaram muito. Eles também levavam a gente a lançamentos, bienais, essas coisas. Tenho livros autografados dessa época até hoje. Lembro do meu pai lendo jornal, muito jornal. Na escola tive a sorte de ter professoras que faziam trabalhos com livros e eu freqüentava muito a biblioteca, principalmente para estudar em paz. Mas a partir da adolescência, a coisa ficou por minha conta mesmo. Não tinha mais indicações, lia o que eu queria e que me interessava, dos pais só o dinheiro para comprar livros!!!

De: "Bel Borja"

PARA: "Eliane Hatherly Paz"

Assunto: Re: Lembranças dos livros...

Data: terça-feira, 23 de setembro de 2003 20:35

Eliane, era pra ser um depoimentozinho, mas acabou virando uma alentada anamnese! Você aproveita o que quiser e se for útil, ok?
Beijinho, Bel.

O livro é um objeto presente na minha vida desde que me lembro de existir. Meus pais sempre leram muito e sempre houve uma boa biblioteca em casa. E durante muito tempo, eu, tolinha, achei que toda casa tinha uma. Aliás, a primeira palmada de todo mundo lá em casa foi por rabiscar ou "maltratar" um livro e isso não parece ter traumatizado ninguém. Todo mundo gosta de ler.

Além disso, sou filha caçula, de cinco, e livrar-me do analfabetismo correspondia a poder participar do ansiado mundo dos mais velhos. Ainda antes de aprender a ler, minha relação com os livros e, com a literatura especificamente, tinha também uma nota sentimental grave: meu avô materno, que não cheguei a conhecer, fora poeta e cronista, e eu era ligadíssima à minha avó, que, além de ser uma leitora voraz, era viúva inconsolável e, no mínimo, três vezes por dia lembrava do

marido. As primeiras poesias que ouvi foram as do meu avô. "As mãos de Branca", um soneto sobre o qual jamais conseguirei ou pretenderei fazer uma apreciação objetiva, era recitado pela voz embargada da minha avó. Acho que posso dizer que meu avô foi o deus tutelar da minha iniciação literária. Minha avó era, provavelmente, a sacerdotisa, e não posso lembrar de coisa mais chique na minha infância do que minha avó lendo as fábulas de La Fontaine, em francês, e traduzindo pra mim, com esmero, procurando manter a rima e a métrica.

Minha grande e secreta ambição era aprender a ler para tomar posse de *A chamma extincta*, o livro de poesias do meu avô. Quando isso aconteceu, eu tinha seis ou sete anos e, como não quis me sentir frustrada por não entender coisa nenhuma do que diziam os versos do meu avô, inventava sentidos que não alcançava e comprazia-me com sons grandiloqüentes que falavam em glória e eternidade. Era uma coisa parecida com o que eu sentia com a letra do Hino Nacional e do Hino à Bandeira, uma grandeza que eu queria abraçar mesmo sem entender.

Para mim, ler não tinha nada ou quase nada a ver com colégio. Até a quarta série, só lembro de ter lido duas coisas recomendadas pela escola que realmente achei bacanas: um texto sobre a infância do Machado de Assis e uma crônica do Drummond, "O poder ultrajovem". Em compensação, havia lá em casa, uma antologia de poesias para crianças que fazia a festa em algumas tardes de sábado. De vez em quando, a gente se reunia na sala com os meus pais para ler algumas. Todo mundo tinha uma preferida e todo mundo (exceto eu, até aprender a ler) lia um pouco. Era uma espécie de sarau familiar que misturava o prazer de ler, com o prazer de estar junto e de afirmar as diferenças de cada um. A minha preferida era Irene, do Bandeira, a da minha irmã mais velha era "Andorinha no fio", a da segunda, "Cabiúna", do Ribeiro Couto, se não me engano. Ler era uma coisa que a gente fazia pra se divertir e, também, uma coisa que a gente achava importante, porque não se interrompia alguém que estava lendo, o meu pai lia quando estava trabalhando e minha mãe lia de madrugada, com um lenço em cima do abajur e da própria cabeça, para não acordar meu pai.

Agora, engraçado... eu não gostava muito daquela primeira literatura infantil, não. Gostava dos disquinhos coloridos com histórias, principalmente *O Rouxinol do Imperador*. O primeiro livro para crianças com que eu me encantei de verdade foi um livro lindo, tamanho *pocket*, em capa dura, com sobrecapa, que era um poema sobre amizade: "Um amigo é alguém que gosta de você" - eu adorei! Tinha jeito de livro de gente grande. Também gostava de quadrinhos e de ouvir minha avó contar histórias. Um pouquinho mais velha, gostei dos infantis do Érico Veríssimo, de *Os Meninos da Rua Paulo*, *Meu Pé de Laranja Lima*, Condessa de Ségur, *Robson Crusóé*, *Heidi*, *Proezas do Menino Jesus*, do Luís Jardim, e do *O Menino do Dedo Verde*. - É curioso: eu sempre gostei muito do sabor das palavras...

De: "Sonia Kritz"

PARA: "Eliane Hatherly Paz"

Assunto: RES: Lembranças dos livros...

Data: quarta-feira, 24 de setembro de 2003 12:42

Eliane, querida colega de todos os cursos,

O hábito da leitura só comecei a desenvolver quando fui trabalhar no Mobral, por força da atividade que desenvolvia lá (produção de material didático). Daí para a paixão (e o hábito) por ler e escrever foi um pulo. É essa paixão que venho procurando transmitir ao meu filho, embora ainda sem resultados sensíveis. Mas tenho esperança que um dia, assim como eu, ele descubra a importância e o fascínio desse mundo de letras e letrinhas.

Beijocas mil e até já.

Sonia

De: "Maurício Maldonado Peltier"

PARA: "Eliane Hatherly Paz"

Assunto: RES: Lembranças dos livros...

Data: quarta-feira, 24 de setembro de 2003 19:10

Li,

você deu o mote e não consegui parar. Escrevi de sopetão, sem querer pensar muito, apenas embarcado na emoção. Você corrija, por favor, qualquer coisa.

Beijos.

**A maior e mais bela criação do ser humano: o livro
(ou como comecei a ler e a gostar de ler)**

Nasci no Peru, numa cidade chamada Arequipa que, mesmo pequena e cravada no fundo de um vale modestíssimo à beira dos Andes, tinha bibliotecas do século XVI e XVII, uma cidade que imprimiu seu primeiro livro por volta de 1600. Era, por tanto, um lugar tradicional de escritores e leitores, um recanto letrado. Mas espantosamente selvagem também, como foi toda a violenta história da conquista espanhola daquela antiga *Are-quepay* e do destruído império Inca.

Na mesa de cabeceira de meu avô paterno - uma remota lembrança de criança - tinha livros. Livros de história, política e muitas biografias (depois soube que os sujeitos retratados eram Victor Hugo, Marx, Melville, Baudelaire, Flora Tristán, Van Gogh, Cézanne, Velásquez e Mao). Na mesa de cabeceira de meu pai - peruano - e na da minha mãe - brasileira -, eram livros de arquitetura, arte, muitos romances e poesia. Mais ainda: minha tia predileta era (é) escritora e meu pai, na época, tinha publicado um par de livros. Isso tudo somado foi um imenso privilégio, mais que um privilégio, já que em casa falava-se em espanhol e português. Entre os 6 e 7 anos de idade finalmente aprendi a ler e a descoberta da leitura, que eu tão impacientemente tinha esperado, foi, e até hoje é, uma das maiores revelações da minha vida. Só poderia compará-la em esplendor e transcendência à revelação do amor ou do nascimento de um filho.

Desde aquela época, cada aniversário meu era marcado pelos livros que ganhava. Com oito anos, meu primeiro Júlio Verne - 20.000 léguas de viagem submarina. Já tinha sido apresentado às aventuras de Emilio Salgari e Karl May, que misturava democraticamente com as *Reinações de Narizinho* e a leitura compulsiva dos livros ainda incompreensíveis de pais e parentes, assim como dos jornais e revistas que coroavam o cafezinho nas tardes de domingo. Pouco depois, amigos escritores - amigos de meus pais - me proporcionaram uma nova perspectiva: a de como nascia um livro, na cabeça de seu autor, e como depois, através de outro tipo de arte, se transformava milagrosamente em um objeto tangível, até atingir as livrarias da Rua São Francisco ou da Rua Mercaderes ou da Plaza de Armas. Com isso, meu deslumbramento, que então era já muito, só fez aumentar.

E me atiçavam por todos os lados. Era o comecinho dos anos setenta e em casa, a pesar de todo mundo ser bem de esquerdas e mais ou menos céticos ou agnósticos, existia uma forte enclave místico, comandado pela minha tia-avó e uma velha tia solteira. Elas compravam minha presença na terrível missa dos domingos com a promessa de livros e sorvete, logo ali, na saída da igreja. Foram também as incansáveis lágrimas destas mesmas senhoras queridas que garantiram, mesmo com um ano de atraso e após heróica resistência minha, que eu fizesse comunhão católica, apostólica e romana, vestidinho de terno e gravata, com a promessa de salvação da alma e outra que me pareceu muito mais apetitosa: livros, caixas e caixas de livros

Eu era o mais velho de seis irmãos, meus pais mal tinham tempo de respirar, toleravam com alegria minhas leituras anárquicas e zigzagueantes. Estudava em um colégio alemão e foi assim que alguns livros infantis da bela biblioteca escolar vieram somar-se ao caótico e silencioso prazer de ler. Fábulas e pequenos contos em edições primorosas, feitas por alguma *Verlag* civilizadíssima de Munique ou de Frankfurt. Um vasto prazer. Um gozo definitivo.

Outra tia - ex-mulher de um tio - parecia achar tudo muito esquisito, mas como ela era socióloga radical, e tinha bastantes naquele tempo, achava bacana essa liturgia surda a cada aniversário, presenteando-me livros "diferentes", mesmo que eu tivesse apenas nove anos (*Don Quijote de la Mancha*, no castelhano original, em edição completa e comentada, com incontáveis notas de pé-de-página e as maravilhosas gravuras de Doré), ou dez (*A Divina Comédia*, um tijolo em edição bilíngüe e papel bíblia) numa prática que se prolongou até meus quatorze anos (*Ensaio sobre lingüística*, do Roman Jakobson) e afortunadamente amainou depois. Nada contra esses maravilhosos livros, pelo contrário. Mas, temos de convir, leituras dessas podem dizimar os frágeis neurônios de uma criança em formação. Afortunadamente, existiam o futebol, o desenho e a música, atividades redentoras. Sem elas teria virado um pálido camundongo-mirim de biblioteca.

Depois cai de amores por García Lorca, Machado de Assis, Antonio Machado, Martín Adán, Vallejo, Goethe, Oswald de Andrade, Balzac, Drummond, Heinrich Böll, Clarice Lispector, Kafka, Neruda, Borges, Günter Grass, Camus, Cortazar, Nietzsche, Emily Dickinson, Rulfo, Kierkegaard, Robert L. Stevenson, Calvino, Donoso, Pound, Rilke, Fernando Pessoa, Dostoiévski, Antonio Cisneros, Virginia Woolf, Julio Ramón Ribeyro, Novalis, Ferreira Gullar, Miguel Hernández,

Cristina Peri Rossi, Kerouac, Bryce Echenique... e muitos, muitos outros autores a quem nunca poderei agradecer pessoalmente pelas “horas maravilhosas que passamos juntos”

E sabem o que é o melhor da maior criação humana? Livros, na realidade, não acabam nunca, nem os velhos e eternos, mil vezes lidos, nem os que ainda não foram escritos.

A vida que é desalmadamente curta.

De: "Teresa Bastos"

PARA: "Eliane Hatherly Paz"

Assunto: a leitura

Data: quinta-feira, 25 de setembro de 2003 09:05

Oi Eliane,

Achei bem interessante escrever. Pensei em coisas que nunca tinha pensado, e me emocionei.

Um beijo,

Teresa.

Minha experiência com a Leitura

Desde criança gosto de ouvir histórias. Como venho de uma família de seis irmãos, não era todo dia que a minha mãe estava disponível para me contar histórias, como eu sempre estou para o meu filho. Às vezes era ela que contava, outras tantas, a minha Mãe Preta. Não tinha idéia, na época, do que essa alternância representava, mas percebia a diferença. Apesar de gostar das histórias da Mãe Preta – que sempre eram diferentes da minha mãe – ficava incomodada com uma coisa: quase sempre ela contava as histórias até a metade e não terminava. Nunca perguntei isso a ela e só fui me dar conta disso em um curso de contadores de histórias que fiz com a Fátima Miguez, em 2000, na Casa da Leitura, no Rio de Janeiro. Eram engraçadas as histórias da Mãe Preta: do *Príncipe Laci* e da *Moura Torta*, das caveiras que se amavam no cemitério, da *Gata Borracheira*. Mas as histórias contadas pela minha mãe eram ricas de detalhes, com princípio, meio e fim. A voz dela era doce e delicada, e me conduzia para um outro território. Não sabia bem para que lugar era, mas era um espaço em que me sentia imensamente feliz, sem medo e muito importante. (É que quando era criança não costumava me sentir importante).

Passaram-se os anos e então eu aprendi a ler. Apreendi muito rápido as letras. Andava pelas ruas lendo tudo que via. Fazia divisão silábica (só depois que fui aprender isso, mas dividia as palavras pelos sons). Morava no interior de Minas e essa época era o início da década de 70, ainda não havia essa proliferação visual de outdoors nas ruas, como vivemos hoje. Não havia muito o que ler numa cidade pequena, além dos letreiros das lojas. Só que Itabirito, onde morava, era bem perto de Belo Horizonte e sempre íamos passear lá. Então eu fazia a festa, lia todas as palavras dos *outdoors*, dos cartazes e ficava doidinha porque nada daquilo que eu

lia fazia sentido igual quando ouvia as histórias. Percebia então que as histórias eram quase mágicas.

Para minha alegria, chegou o dia em que completaria 7 anos. Minha mãe só fazia grande festa de aniversário – dessas que hoje as pessoas fazem todos os anos para os filhos – quando fazíamos 7 e depois 15 anos. Eu ia ter minha primeira grande festa. Adorei tudo. E, dos presentes que havia pedido, ganhei muitos números da coleção, creio que da Abril (não me lembro agora) de histórias infantis que vinham acompanhadas por um disquinho: *João mata sete*, *A Bela Adormecida*, *Cinderela*, *Uma verdadeira princesa*, *O Gato de Botas*, *O gigante egoísta*, eram alguns títulos que me recordo agora. Lia e ouvia o dia inteiro!

Essa coleção chegou em ótima hora, pois ganhei mais uma irmã e depois disso, acho que minha mãe nunca mais me contou história. Adorava as minhas histórias e achava que eram as únicas. Mas meu irmão mais velho, que na época já estava com 17 anos, gostava muito de ler e se trancava no banheiro lendo revistinha. Numa de suas aquisições, levou para casa a coleção do Walt Disney em quadrinhos: *Cinderela*, *Bela Adormecida* etc. Fui então ler a revistinha dele. Fiquei chocada, porque as histórias eram diferentes das minhas. A Cinderela catava lentilha, e não feijão. O nome das irmãs era diferente. A imagem da Cinderela era completamente diferente da minha. Fiquei muito tempo atordoada com aquilo tudo. E, numa família grande, não se tem acesso aos pais para fazerem todas as perguntas. Ou sei lá se fiz e ninguém me respondeu. Mas cresci com aquela inquietação: por que as histórias eram diferentes? Por que não eram sempre contadas da mesma maneira? Por que o nome das personagens mudava, os hábitos, as imagens? Achava aquilo um grande absurdo.

Entreí então no segundo ano primário e fiquei felicíssima porque teria aula de leitura na Biblioteca da Escola. Nunca tinha ido a uma Biblioteca e achava que teria muitos livros, um mundo de livros à minha disposição. (Apesar da minha mãe ser professora, de ter em casa incentivo aos livros, minha casa não era uma biblioteca. Tínhamos muitas coleções, a do Monteiro Lobato, mas os livros infantis de leitura mais acessível para uma criança de 7 anos eram raros na época, diferente da enxurrada de livros que o mercado editorial produz hoje. Para saber sobre as Reinações de Narizinho, ou das Caçadas de Pedrinho eu dependia da minha irmã, um pouco mais velha, que já lia melhor do que eu. O livro tinha muito texto e eu não entendia as histórias lendo sozinha. E minha mãe não tinha mais tempo para mim.)

Sonhei muito com a aula da Biblioteca. Que decepção logo no primeiro dia! A Biblioteca ficava no porão da Escola. Havia cheiro de mofo por toda parte e pouquíssimos títulos. Os livros eram quase todos velhos e rasgados. As crianças não ficavam caladas e a professora largava a gente lá e ia conversar no corredor.

Havia um grupo de leitura, que não me lembro bem como era, que tentei participar durante as aulas, acho que a professora deve ter juntado os meninos que pareciam que gostavam mais de ler para que conseguissem ler alguma coisa. No final, pedia pelo amor de Deus para acabar aquela aula.

Interessante que com 8 anos de idade comecei a escrever diário e tenho registrado a partir dessa época o meu desejo de morar em uma cidade grande. Nada tinha a ver com esse episódio, mas só agora estou juntando as peças. Sabia que teria que esperar um tempo para ler de verdade. Para encontrar pessoas que pudessem me contar histórias novamente. Sabia que precisava crescer para ter acesso à leitura da maneira mágica que imaginava. Sempre desejei ir embora de lá. Desde pequena tive consciência que morar no interior era limitante. Tinha muita área verde, muito espaço, mas as pessoas estavam ligadas em coisas diferentes do que eu me preocupava. Com 14 anos consegui que meu pai me deixasse ir morar me Belo Horizonte com meus irmãos – era comum, e ainda é, os pais montarem apartamento para os filhos na capital para que estudasse. Só que a idade permitida para ir era 18 anos. Consegui ir antes e fui estudar no Dom Silvério, um colégio marista e de boa reputação na cidade. Foi então lá que pude ter acesso a uma boa biblioteca em que pegava os livros, levava para casa e devolvia. O professor de português, apesar de tradicional, ensinava literatura e pude saber sobre Machado de Assis, Alencar, Eça de Queiroz... E tudo surgiu também junto com o cinema, a descoberta dos filmes de arte, Truffaut, Antonioni, Bergman, Carlos Saura, Godard. E pegando carona nos livros do meu irmão mais velho, *A Idade da razão*, *Cerimônia do Adeus*, *Sagarana*, *Marguerite Duras*, *Jorge Amado*, *Autran Dourado*. Fotos de Cartier Bresson, revista *Íris Foto*.

Aos 15 anos então, pude iniciar meu processo de leitura, descobrindo a mágica por mim mesma e já acalentando a vontade de ser uma agente da cultura. Queria ter os livros definitivamente perto de mim. Queria poder contar a minha versão da história. E fico muito feliz que estou conseguindo!

Teresa Bastos

Rio de Janeiro, 25 de setembro de 2003.

De: "Mauricio Gaetani"

PARA: "Eliane Hatherly Paz"

Assunto: Re: Lembranças dos livros...

Data: domingo, 28 de setembro de 2003 23:36

Cara Lili.

No meu caso, acredito terem sido a escola e minha mãe as primeiras influências com relação à leitura.

A escola primeiro, forçando as pobres crianças a lerem aqueles clássicos brasileiros, e de vez em quando, aplicando castigos que consistiam em copiar, por exemplo, os dois primeiros capítulos de *Olhai os Lírios do Campo*. (é "do" ou "no"? Não me lembro mais.) Mas o fato é que, mesmo em meio a essas leituras forçadas, de repente, num Machado de Assis, eu ia descobrindo novos universos, traduções e espelhos pros meus próprios sentimentos. Aí começava a gostar. Depois foram vindo coisas ainda mais excitantes para a minha adolescência, como os Herman Hesse da vida e por aí vai.

Paralelo a isso, minha mãe volta e meia me apresentava algum romance também da sua adolescência e a partir daí, já com algum gosto pela leitura, eu me aventurava a lê-lo sempre que encontrasse ali algumas respostas ou perguntas parecidas com as minhas.

E acho que foi isso. Com o tempo os amigos também iam me apresentando uma coisa ou outra e aí vinha a descoberta de mais um autor, poeta, parágrafo ou poema.

Bem, talvez meu pai tenha me influenciado um pouco também, principalmente através dos poemas ou textos que ele próprio escrevia, não por profissão, mas por prazer.

Espero ter ajudado.

Beijo.
Maurício.